No topo de uma majestosa montanha surge uma abadia irradiando beleza e serenidade. A vista panorâmica se estende até o horizonte, sob uma montanha coberta por densas florestas À medida que nos aproximamos, um caminho sinuoso nos conduz pela encosta. O leitor deve tomar cuidado para não tropeçar, pois uma ou outra árvore está caída pela estrada.

A construção, que outrora exibia grande beleza, agora apresentava sinais de destruição. No entanto, em meio a essa devastação, destacava-se uma visão notável: um espelho d'água permanecia intacto, com uma planta exuberante florescendo em seu centro. Enquanto a destruição se espalhava ao seu redor, essa única planta desafiava a adversidade, mantendo sua beleza e vitalidade. Suas enormes folhas verdes, com mais de dois metros de diâmetro, flutuavam elegantemente na superfície, e suas flores brancas e perfumadas emergiam da água durante a noite.

Alguns trabalhadores diligentes se empenhavam na reconstrução da abadia, removendo destroços, reparando paredes e construindo uma nova torre do sino. Quem dera tivesses chegado alguns meses atrás, caro leitor! Teria visto o mosteiro em todo o seu esplendor. Em seu coração, um jardim encantador possuía o espelho d'água que refletia a beleza do céu e da abadia. Uma rica variedade de flores e plantas aromáticas. Era possível se envolver com uma variedade de plantas. Pequenas árvores frutíferas ofereciam sombra e frutas sazonais, enquanto samambaias criavam um ambiente sereno e misterioso em áreas sombreadas. Dentro do jardim, uma estufa de vidro abrigava uma impressionante variedade de plantas exóticas, como orquídeas e plantas tropicais. Sem destoar da beleza do conjunto, havia um pequeno cemitério, onde lápides de pedra alinhadas sob árvores maduras homenageavam aqueles que viveram na abadia, com flores brancas e lírios adornando os túmulos.

Você se engana se pensa que o jardim sempre foi belo antes da tempestade. Há muitos anos, um jovem rapaz, órfão de pai e que havia ficado sob os cuidados da madrasta, foi posto lá à revelia. A madrasta tomou a decisão de entregá-lo aos monges para que fosse educado, após a morte do esposo, um grande botânico. O menino chegou à abadia com pouco mais do que as roupas do corpo, no entanto, soube guardar na bagagem que trouxe de casa, com muito zelo, algumas das anotações do seu pai. Com o tempo, o rapaz mergulhou profundamente nos ensinamentos das anotações do falecido. Estudou as páginas com dedicação, absorvendo o vasto conhecimento que o pai havia acumulado. Mas não foi apenas nos manuscritos que ele encontrou sabedoria; ele aprendeu igualmente com a observação cuidadosa da natureza que cercava a abadia, o rapaz sempre procurava oportunidades de observar a natureza e, também,

aprender com ela. Com o passar do tempo, o jovem amadureceu e fez a escolha de dedicar-se ao caminho dos monges. Sua devoção profunda à vida monástica o conduziu a uma posição singular, dedicou a maior parte de sua vida à abadia e ao jardim que havia sido plantado por ele e florescido sob seu cuidado.

Se afastou temporariamente do refúgio que tanto amava apenas uma vez na vida. Numa de suas idas à biblioteca do mosteiro, descobriu um livro raro que despertou seu fascínio por um bioma distante e exuberante: a Amazônia. As páginas daquele livro eram um portal para um mundo desconhecido, repleto de maravilhas naturais que ele nunca havia experimentado em sua vida. Tomou a decisão ousada de embarcar em uma jornada àquele lugar. Partiu temporariamente da abadia, deixando para trás o jardim aos cuidados de um noviço que vez ou outra o acompanhava no ofício de jardineiro. Sua viagem à Amazônia foi uma aventura inesquecível. Desfazendo as malas, pouco depois de retornar, encontrou dentro de uma das botas que havia utilizado durante sua viagem uma muda de planta diferente das que tinha visto em sua viagem. Emanava uma aura de beleza selvagem e mistério, como se fosse um tesouro da floresta tropical que tinha ido parar em suas mãos, ou melhor, nos seus pés. Sem perder tempo, decidiu que essa planta merecia cuidado. Ele a levou para a estufa no jardim da abadia e, com grande cuidado, escolheu um vaso adequado e plantou a muda ali.

Os dias se estendiam, e a planta misteriosa que trouxera não demonstrava nenhum sinal de crescimento. Uma preocupação silenciosa começou a se instalar em sua mente. Começou a considerar que a qualidade do solo no vaso talvez fosse o problema. Decidiu experimentar algo diferente. Se lembrou de ter lido sobre as terras vulcânicas e a fertilização do solo em algum lugar, confiou a missão de encontrar o solo vulcânico a um dos seus devotos empregados, entregando-lhe uma quantia generosa de recurso. No entanto, o empregado, em vez de abraçar a responsabilidade com sinceridade, sucumbiu à tentação. Pegou o dinheiro confiado a ele e o dissipou em festas e luxos na cidade, longe dos olhos vigilantes do mosteiro. No caminho de volta para a abadia, recolheu um punhado de terra do caminho e guardou-o num cesto. Apresentou aquilo ao monge como sendo o precioso solo vulcânico que deveria ter encontrado. O monge, alheio à má conduta do empregado, aceitou a terra com gratidão. Trocou a terra do vaso, colocando o novo solo com a esperança de que essa mudança finalmente desencadeasse o crescimento da planta, trazendo vida a esse enigma botânico que o intrigava por tanto tempo. Após concluir essa tarefa, saiu apressadamente da estufa e, por um lapso de distração, deixou a porta aberta.

O vento soprou com força, agitando as delicadas plantas, incluindo as orquídeas pendentes e exuberantes. A orquídea mais esplêndida proferiu palavras de orgulho e arrogância em direção à planta no vaso, que apesar dos cuidados dedicados, não crescia. Em sua arrogância, dirigiu-se à planta com dó e sarcasmo, declarando sua inutilidade e mediocridade. Outras plantas na estufa riram concordando com a flor orgulhosa, enquanto o monge voltou para fechar a porta e depois retornou à sua cela, silenciando a conversa e o riso. O silêncio pesado se abateu sobre a estufa, como se a própria natureza desaprovasse a atitude da orquídea.

À medida que os dias passavam, a planta permanecia inerte em seu vaso, uma incógnita persistente no jardim. O monge começou a questionar sua dedicação, ponderando se estava regando a planta em excesso. Com cautela, reduziu a quantidade de água, na esperança de estimular o crescimento. No entanto, para sua surpresa e crescente desespero, a planta, que já estava estagnada, começou a definhar. Suas folhas murcharam, e suas cores desbotaram. Diante desse aparente declínio após a redução das regas, o monge voltou ao ritmo original de cuidados, ansioso por ver a planta prosperar. No entanto, mesmo com o retorno às práticas iniciais, a planta permaneceu no estágio anterior, resistindo a todos os esforços do monge para incentivá-la a crescer e florescer.

Em uma de suas visitas à estufa, o monge deixou a porta aberta, mais uma vez, permitindo que uma brisa suave entrasse e dançasse entre as plantas. O vento, como se fosse um regente silencioso, balançou as folhas e os caules, e começava mais uma vez a conversa entre as plantas. A orquídea, persistia em suas zombarias, num murmúrio incompreendido aos ouvidos humanos, acreditando que a planta misteriosa estava à beira da morte e que o monge, finalmente, desistiria de desperdiçar seu tempo e energia com ela. Era um triunfo que alimentava sua arrogância, mesmo que à custa da angústia da planta que lutava por sua sobrevivência e do monge que enfrentava um dilema crescente sobre como resgatá-la de seu triste destino. A porta da estufa, como que movida por uma vontade própria, fechou-se abruptamente com um estrondo estrondoso, fazendo o monge saltar de surpresa. O barulho repentino ecoou na serenidade do jardim, rompendo momentaneamente o silêncio que havia se instalado após a brisa interrompida. O monge se sentiu inquieto, decidiu dirigir-se à capela.

Ao adentrar, foi imediatamente envolvido pela atmosfera solene e sagrada que permeava o lugar. A luz dourada o guiava na caminhada silenciosa até o altar, onde a imagem de Cristo pendia com seus braços estendidos. Um feixe de luz, intenso e resplandecente, saía de um dos vitrais e ia até a chaga que havia no peito da imagem. Encarou calado por alguns minutos e,

com determinação serena, decidiu retornar à estufa. Carregava consigo a crença de que aquele feixe de luz não era mero acaso, mas sim uma espécie de sinal. A esperança se renovava em seu coração enquanto ele se dirigia à estufa, onde a planta aguardava. Com cuidado, retirou o vaso de lá e o posicionou bem perto da entrada da estufa, onde a luz do sol banhava delicadamente suas folhas. Ele acreditava que a planta talvez estivesse carente de iluminação.

A planta continuava estagnada, e, diferente de dentro da estufa, ali o vento soprava quase que o dia inteiro, e, a fala das plantas era constante. As flores do lado de fora do jardim e as outras plantas não resistiram à tentação de lançar suas palavras de deboche, alimentadas pela vaidade e pelo orgulho que lhes eram característicos. À medida que o vento continuava a agitar as flores do lado de fora do jardim, as outras plantas, infladas pela vaidade e pelo orgulho, não conseguiam resistir à tentação de lançar palavras de desdém, desqualificando a planta desvalida.

As rosas, com suas pétalas aveludadas e aroma envolvente, arrogavam-se em palavras poéticas para menosprezar a planta. Hortelã e outras ervas aromáticas, com seu frescor revigorante, orgulhosamente afirmavam, perfumando suas palavras, que suas folhas aromáticas eram um hino de vitalidade, um soneto de sabores e fragrâncias encantadoras. A planta em questão parecia uma melodia sem notas, desprovida do aroma que as tornava excepcionais. Hortênsias, com suas cores vibrantes, ressaltavam sua beleza como um espetáculo visual, uma sinfonia de cores que embelezava o jardim, enquanto a outra planta era uma tela em branco, sem vida. Lírios realçavam sua graça sem humildade, afirmando que sua pureza e simplicidade eram como uma tela em branco, e a planta ali era uma mancha na pintura que haviam criado. Risos de escárnio ecoavam, enquanto a planta, sob o sol, enfraquecia progressivamente, não apenas estagnando, mas regredindo. O sarcasmo e a vaidade das outras plantas pareciam minar ainda mais sua frágil vitalidade.

O monge, profundamente frustrado, testemunhou os dias, semanas e meses passando diante dele. Cada esforço para reviver a planta parecia em vão. Desistiu, retornando-a à estufa, regando-a ocasionalmente enquanto a observava resignadamente, refletindo a frustração do esforço infrutífero. Antes cheio de vitalidade, agora sentia-se fatigado no corpo e na alma. Esgotamento mental, insônia persistente e pesadelos noturnos. Sua pele estava marcada por erupções cutâneas e inchaços inexplicáveis. O batimento cardíaco irregular e tonturas o enfraqueciam, preocupando seus companheiros no mosteiro. Isolaram-no em seu modesto quarto, de onde podia ver o jardim. O cuidado do jardim passou para o jovem noviço, e nos

raros momentos em que passeava pelo jardim, o monge observava sua planta na estufa, testemunhando seu lento murchamento.

Quatro meses de luta contra o que parecia ser uma doença tropical se passaram. O monge recebeu o viático em uma noite de equinócio de primavera, uma passagem tranquila com preces suaves dos outros irmãos no ar. O jardim, agora sem o monge, manteve sua serenidade, reconhecendo o fim de um ciclo. O enterro do monge ocorreu na manhã seguinte no cemitério do mosteiro. Após a cerimônia, eles voltaram ao claustro para se abrigar de uma tempestade que se aproximava rapidamente. Em questão de horas, o céu sereno deu lugar a uma tempestade furiosa, com chuva torrencial, ventos violentos e relâmpagos. Um raio atingiu árvores antigas do jardim, derrubando-as. A biblioteca foi inundada e muitos livros preciosos foram perdidos. A capela também sofreu danos, com o teto desabando sobre a imagem do Cristo e o campanário caiu com estrondo, sobre a estufa. Os sinos que antes ecoavam jaziam no chão, e a tragédia se estendeu ao jardim, onde todas as plantas exóticas foram esmagadas sob os destroços.

Uma pequena correnteza se formou no jardim, arrastando consigo inúmeros galhos de plantas e detritos para o espelho d'água. A planta que o monge havia trazido da viagem, já moribunda, também foi levada pela correnteza, desaparecendo na turbulência das águas. A chuva persistiu durante a tarde e noite, transformando o amanhecer em um cenário de desolação. Quando os monges finalmente saíram do claustro para testemunhar os estragos causados pela tempestade, após passar horas de tormenta refugiados todos junto na cozinha, seus corações se encheram de pesar. A visão que se desenrolava diante deles era de completa destruição.

Após um período de deliberação, chegaram a uma decisão sobre a ordem de reconstrução. Primeiramente, a capela seria restaura, em seguida, os outros edifícios seriam reconstruídos, um a um, à medida que os recursos e o tempo permitissem. O jardim era a última preocupação. Decidiram transformá-lo em um simples gramado, com as poucas árvores sobreviventes e o espelho d'água como as únicas características restantes.

À medida que a abadia renascia das cinzas da tempestade, algo surpreendente emergiu do espelho d'água: uma planta peculiar, diferente das outras no jardim, brotou da planta outrora moribunda. O que agora enfeita majestosamente o espelho d’água é, na verdade, uma vitória-régia, um lírio que não se desenvolveria em terra firme, apesar dos cuidados do monge. Essa planta não só sobreviveu, ao contrário das outras, mas floresceu com vitalidade, superando expectativas e encerrando a história com uma mensagem sutil de que a vida e a beleza podem renascer mesmo nas adversidades.